

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MINHA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA EM GEOGRAFIA

Alan Roberto dos Santos*

RESUMO

O presente relato está centrado no trajeto da minha condição de estudante do curso de Licenciatura em Geografia e em minhas expectativas em relação ao processo de assumir o papel de docente, considerando as percepções, sentimentos, planos e reflexões ao longo do curso, mais especificamente as elucidações que desenvolvi como estagiário e futuro profissional licenciado para atuar na docência. De acordo com isso, o trabalho tem como objetivo descrever e qualificar o processo de minha iniciação à docência, apreendendo, primeiramente, o papel do professor e, também, alcançando a assimilação das influências que norteiam esse profissional, permeando, essencialmente, o ensino de Geografia e demonstrando a importância da reflexão da prática, que se direcionou para as minhas transformações e os acréscimos particular e profissional que obtive. Para essa finalidade foi efetuado previamente o estudo bibliográfico seguido de leituras e discussões elucidadas em sala de aula como graduando em Geografia e alicerçado, principalmente, pela disciplina Estágio Supervisionado, que permitiu a base teórica e prática para a iniciação em âmbito escolar como professor. Assim, o exercício do estágio se ratifica para mim a partir da pluralidade de observações que se orientou pelas diversas ponderações críticas, agindo de forma em que me posicionei como avaliador da atual realidade educacional e na minha própria formação como docente.

Palavras-Chave: Docência. Estágio supervisionado. Ensino. Experiência profissional.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade observa-se que na prática de sua profissão o professor tem que ser encarado como facilitador e mediador entre o aluno e o objeto de conhecimento, para que sustente assim a autonomia intelectual dos alunos. O conceito de estágio, conforme Pimenta (2004), e sua finalidade podem ser compreendidos para além das formalidades e normas da graduação, como um processo de assiduidade do

* Graduando no curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

estudante e, também, como uma atividade de caráter educativo e complementar ao ensino em sala de aula da universidade, que tem como finalidade integrar o estudante em um ambiente profissional.

O estágio supervisionado no curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) tem duração de 2 anos letivos, dividido em 04 disciplinas, sendo Estágio Supervisionado 1, 2, 3 e 4. O estágio coloca o futuro profissional em contato com as diferentes realidades que podem ser encontradas na prática como educador, assim como alerta para as discussões sociais, econômicas e culturais proporcionadas pela vivência. Suas experiências permitem que o estudante desenvolva uma consciência crítica capaz de compreender a realidade para, a partir disso, interferir sobre ela com suas próprias reflexões e melhorar seu aprendizado. Favorece ainda o início de uma permuta profissional entre professor e o estudante em licenciatura por meio de conversas e relatos, que podem funcionar pela camaradagem, união e parceria entre os profissionais que, em muitas situações, nos prontificam por seus relatos e nos despertam para as possibilidades da profissão.

Nesse intuito o estágio se operou buscando a percepção do exercício profissional do professor de geografia em toda a educação básica, ou seja, deu-se desde o ensino nos anos iniciais e depois nos anos finais do ensino fundamental até o ensino médio. Essa organização do Estágio proporcionou experiências entre nas mais diversas situações possíveis onde o professor pode atuar, no intuito de estabelecer parâmetros de afinidade e, também, crítica do futuro docente a propósito das diferentes áreas de atuação.

Com esse embasamento o estágio foi dotado de uma atitude empírica, sobre a qual se adotou um caráter investigativo sobre os fatos vivenciados revelando uma das fontes mais valiosas de adquirir conhecimento, a experiência. Com isso a aprendizagem orientada por meio de experimentação do convívio escolar, foi acompanhada da atuação de ministrar aulas, minicursos e oficinas, com a finalidade de relacionar o conteúdo teórico com as atividades do cotidiano do professor, seja nas atividades de trabalho, de relacionamento profissional, ou como cidadão.

2 PREPARAÇÃO À DOCÊNCIA

Previamente às práticas do estágio, foram efetuados procedimentos preparatórios durante o exercício da disciplina que ratificasse a eficácia do estágio para cada experiência. Desse modo foram seguidas três etapas da educação básica, a saber, anos

iniciais e finais do ensino fundamental e ensino médio, incluindo escola rural. Foram divididas conforme o projeto pedagógico do curso de licenciatura em Geografia da UFU, em que o Estágio Supervisionado totaliza 420 horas, divididas em quatro componentes curriculares semestrais (Estágios 1, 2, 3 e 4), sendo que o primeiro estágio tem 60 horas e os demais, 120 horas cada.

A realização dessa prática contou com a orientação de um docente do Instituto de Geografia da UFU, assim como a supervisão dos professores de educação básica das escolas selecionadas, sendo dividida da seguinte forma:

- Estágio 1: Anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola particular;
- Estágio 2: Anos finais do ensino fundamental, em uma escola pública federal;
- Estágio 3: Ensino médio, em uma escola pública estadual;
- Estágio 4: Escola rural, da rede municipal de ensino.

3 CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Em todas as ocasiões em que estagiei, apesar de acompanhar e seguir o conteúdo que estava sendo trabalhado pelo professor titular, foi-me dada a oportunidade de dispor meu plano de aula de forma que melhor atendesse ao modo que julguei necessário. Desse modo sustentei minhas pesquisas e levantamento bibliográfico que alicerçaram teoricamente aulas ministradas e, também, busquei noticiários em jornais, sites, blogs na tentativa de vincular o referencial teórico com a atualidade, pois acredito, ainda, que o ensino deve ser pautado numa visão para o “mundo” dos alunos, pois notei ao longo do estágio que exemplos palpáveis aproximam o conteúdo e exercem maior alcance sobre o interesse dos mesmos.

Desse modo os conteúdos ministrados por mim foram:

- Anos Iniciais do Ensino Fundamental – 2º ano: Climatologia (Rotação/ Translação/ Visita a Estação Climatológica).
- Anos Finais do Ensino Fundamental – 9º ano: Geografia Agrária (Formas de produção agrícola/ Produção brasileira/Situação agrária do Brasil/ Reforma agrária).

- Ensino Médio – 3º ano: China (Contexto histórico da formação política e social chinesa)

Importante salientar que em todos os estágios notei que o livro didático está muito à deriva de ser um objeto que orienta o trabalho dos professores e também como único material para os alunos, pois as discussões que são apresentadas pelos livros, em geral, são rasas, além de comprometer o seguimento e a autonomia do professor. É claro que o livro didático pode ser um instrumento usado na educação, mas acredito que como uma referência básica para que o ensino não esteja enquadrado somente no que é ofertado por ele. Reforço que a pesquisa em outros meios foi de extrema importância para a interlocução em minhas aulas.

4 A SALA DE AULA, O ALUNO E O PROFESSOR

No decorrer do estágio obtive um grande progresso na construção profissional para a minha docência, pois tenho como verdade que o melhor caminho para se acender na profissão é pelo contato direto com escola e toda esfera que a norteia. A aproximação com os alunos, com os professores e suas experiências, o contato com as adjacências do cotidiano e a realidade escolar proporciona e prepara de forma ativa o graduando em licenciatura.

Esse momento permite ao licenciando pensar e sentir, bem próximo, como um professor, com isso, entendo que o estágio elucida um processo sobre o qual não é necessário que você esteja pronto, mas que esteja preparado a enfrentar dificuldades e críticas, diversas vezes de si mesmo, e perceber os problemas ao redor dessa profissão, por conseguinte, no próprio sistema de educação brasileiro.

Confio que tal aprendizado se tornou um grande aliado da minha graduação, pois desde o primeiro momento que estive de frente com as minhas próprias dificuldades, como exemplo o “falar em público”, busquei vencê-las diariamente, sem perder a vontade de continuar e, pelo contrário, usufruí disso ao meu favor, de forma com que hoje o problema de falar em público não só foi superado em sala da aula, mas também na minha vida pessoal. Do mesmo modo derrotei a ideia de que como professor eu deveria ter o conhecimento completo do assunto que estivesse ministrando, e por mais que já tivesse ouvido que o professor não sabe de tudo, acreditava que seria uma vergonha se alguém me perguntasse algo que eu não soubesse responder. Essa ideia foi anulada no primeiro estágio no 2º ano dos anos iniciais quando notei que cada criança

ali era dotada de um pensamento e que o melhor a fazer era horizontalizar a aula e construir uma reflexão coletiva.

No estágio 1 onde estive mais próximo da posição de professor pela primeira vez, e embora estivesse com receio do convívio e da forma que os alunos iriam se portar diante de mim, por até mesmo ter uma aparência mais jovial que os seus professores em geral apresentam, além de estar cercado de toda inexperiência e curiosidade, estava de certa forma me sentido estimulado com a ideia da prática, ou, de ser professor.

Estive uma semana em contato diário com os alunos do 2º ano da Escola Estrela Guia. A escola é de âmbito particular e conta com no máximo 20 alunos por sala e, desse modo, consegui ter maior contato com cada um deles e foi onde compreendi que nessa faixa etária o professor é o grande espelho que o aluno tem e que é uma pena imaginar que isso se perca ao longo dos anos escolares, pois a troca que é efetuada se torna natural e, ainda que com restrições profissionais, o carinho e compaixão entre professor-aluno é um instrumento fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

No fim do estágio 1, e embora não considero o mais apto para eu trabalhar com essa faixa etária, sai com a sensação excitante de exercer a mudança que entendo como legítima na sociedade brasileira, pois percebi que a partir dali eu poderia fazer algo em relação aos problemas sociais do Brasil. A vontade de fazer a diferença foi estimulada por cada aceitação que os alunos tinham comigo em sala de aula e esse momento me possibilitou entender a condição de estar, desde a graduação, ativamente no processo. Por fim, pondero que esse estágio serviu para eu entender que o processo educacional tem que ser visto como um todo, que é extremamente fundamental que os alunos recebam uma carga satisfatória que possa alicerçar devidamente o seu progresso escolar.

A única dificuldade que encontrei no primeiro contato com o estágio foi a que nesse período de ensino as ciências e os dizeres ainda são muito limitados para a capacidade de compreensão pelos alunos nessa faixa etária, ou seja, a todo o momento é preciso se esforçar para trocar termos técnicos por uma linguagem mais leve, e por este motivo, naquele momento, acreditei que o Ensino Médio seria a melhor opção para mim.

Acreditamos que a postura do professor dentro de sala deveria, sem demagogia, ser mais rígida, sem ser, no entanto, ditadora, pois os alunos se encontram em uma fase de relacionamento que demanda essa rigidez, porém, com ares de troca e de compreensão. Sem isso o professor, talvez, poderia ter dificuldade em questões de respeito e na troca de conteúdo com a turma.

Ao longo do meu segundo estágio, verifiquei que o fluxo de interesse dos alunos por diferentes assuntos e sentimentos se expande de forma significativa e que o aluno se encontra em uma fase de descoberta de relações extrafamiliar. Isso fica explícito até mesmo com "piadas" paralelas que são feitas durante as aulas uns com os outros, sobre aparência física e supostos namoros, e que marcam o início de uma individualidade do aluno na esfera social, ou seja, seu comportamento agora é mais próprio do que o moldado pelos pais.

Logo nos primeiros momentos compreendi que o professor pode usar isso a favor da aula e tornar o processo de aprendizado mais maleável ao cotidiano e ao momento dos alunos, de modo que a aula se torne mais atrativa e menos entediante, pois nessa fase os alunos apresentam maior dificuldade para ouvir, talvez até mesmo pela necessidade hormonal de se expressar, então o uso de "piadas" e brincadeiras são bem-vindas dentro da aula, claro que dada às proporções e sempre incentivando o respeito.

Sobre o trabalhar pedagogicamente e o desenvolvimento das potencialidades e habilidades, penso que cada educador aprimora seu jeito, mas, contudo, reafirmo que proporcionar acesso ao "mundo", à realidade em que os alunos estão inseridos pode, nas minhas experiências, ao menos, ser prático e apresenta como resposta a participação dos alunos e também auxilia no desenvolvimento de competências. Para isso o professor deve buscar mecanismos que maximizem as independências enquanto cidadãos ativos capazes de responder por seus interesses e ideologias, estando assim aptos a questionarem o social.

O percurso efetuado no ensino médio era para mim o mais esperado, pois acreditava que essa era a fase em que eu mais me identificaria com o conteúdo e com a mentalidade dos alunos, porém posso concluir que foi muito além disso, pois observei mais de perto o cotidiano do professor e as condições de trabalho que são dadas. Era meu primeiro estágio em escola pública. A realidade para o professor se mostrou bastante desgastante, o número de aulas que o profissional necessita ministrar para compor a renda decorre em falta de tempo para acompanhar o progresso do aluno de uma forma complementar, assim como, as condições do espaço da escola, também, influenciam no processo, já que a maioria das escolas públicas brasileira não apresenta condição meramente básica para atender uma sala de aula com o número, absurdo ao meu entender, de 40 alunos.

Desse modo descobri que a educação na verdade extrapola a relação professor-aluno e notei a interdependência de muitos aspectos que influenciam no fluxo

educacional. Não é somente ter um professor de boa formação e disposto a pegar um giz nas mãos e mudar o mundo. Isso não é suficiente para que o trabalhador esteja empenhado no seu papel no desenvolvimento social do país. É preciso entender as dificuldades em sala de aula para poder pensar em um trabalho de qualidade, é preciso que o professor tenha condições para trabalhar e, também, é preciso estimular condições mais satisfatórias e estimulantes para ele.

Contudo, devo destacar que a diferença entre uma escola particular – onde realizei meus estágios 1 e 2 – apresenta uma disparidade gritante com a escola pública, e que após percorrer o estágio 3 não me sinto totalmente feliz com a situação do professor e principalmente com a educação no Brasil, no sentido de duvidar fortemente sobre minha vontade de me tornar um docente. Qual a lógica dessas escolas no Brasil, aumentar o abismo de classes e ratificar a posição social de cada um?

Além de todos os problemas de infraestrutura das escolas, que é já sabido no país, acredito que o sistema não apresenta condições decentes para que o professor possa exercer dignamente seu papel social. O baixo salário acaba influenciando que o docente, muitas vezes, ministre aulas acima do que eu julgo estável, e como resposta o professor acaba não tendo tempo de preparar suas aulas e conseqüentemente fragilizando o ensino e o futuro de seus alunos. O sistema educacional hoje é extremamente precário a ponto de ser considerado para a tomada de decisão quanto à escolha pela profissão docente por futuros e também professores já ativos, que podem se desmotivar e desistir da profissão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão que tenho em resposta à prática no Estágio Supervisionado é a necessidade de proporcionar uma maior familiaridade entre o licenciando e a escola. As experiências em escolas de educação básica, durante a realização do estágio, podem exemplificar e tornar mais explícito a condição de professor no dia a dia da escola, sendo fundamental para a formação, pois oferece a oportunidade de testar os modos, métodos e metodologias que podem ser executadas em aula, ou seja, a escola se torna um espaço para unir a teoria e a prática e a partir disso pensarmos a nossa própria docência.

Nessa tentativa de estar atuando como professor e na busca de minimizar a problemática da inexperiência, o estágio proporciona uma rígida base não só de

respostas, mas também de perguntas, que cabe a nós enquanto estudantes estarmos reformulando e buscando as práticas de proposta de uma metodologia e/ou didática mais adequada aos tempos e às realidades. Sempre entender que a verdade que trazemos conosco não pode ser um modelo fixo e pronto e, por mais que tenhamos nos preparado com o estudo, devemos aceitar outra visão e não estigmatizar a outra opinião, porque só assim conheceremos os limites dos alunos e as potencialidades que devem ser trabalhadas de forma amistosa em conversas e reflexões. Para que assim os posicionamentos do docente nunca sejam a verdade final, pois a incerteza é aliada do aprimoramento.

Sobre as condições das escolas, durante a prática do estágio supervisionado observamos uma discrepância entre a particular e a pública, o que mostra que a realidade educacional do Brasil, sem nenhuma demagogia e apesar de diversas situações extremamente recompensadoras, ainda apresenta muitas lacunas em âmbitos maiores do que a força de vontade do professor, muitos já desmotivados. Os resultados de todo esse processo não vêm de forma tão positiva, pois as circunstâncias geradas, com alunos rebeldes, más condições dos prédios, móveis ruins e falta de incentivo governamental, são obviamente produtos de um sistema falido que norteia uma sociedade culturalmente frágil, que deveria ser repensada uma vez que a educação é um dos agentes transformadores. Porém, tendo em vista a conjuntura do professor, nesse momento, percebe-se que a materialidade disso não é nada favorável.

Ainda neste relato, faço outro questionamento, que talvez agora não esteja competente a responder, mas que, de tudo, me excita a pensar pelo contexto dessas práticas, a questão: “Como, afinal, ser um profissional exemplar que atenda de forma ímpar meus alunos na realidade brasileira?”.

O que posso dizer que realmente ficou, de tudo, é que o estágio foi o meu primeiro e mais acentuado contato com a escola no entendimento prático, me colocando em um papel diferente do de aluno com o qual estava habituado. Desse modo, iniciei com grandes expectativas e ansiedade, mas norteado de medo e muitas perguntas em mente, a maioria ainda sem respostas concretas. Mas ao longo desse processo, a experiência de estar com as mais diversas personalidades de alunos, com trabalhos que variam de professor para professor, com estruturas de serviços e acomodações distintas, me levaram a encarar o ambiente com outros olhos. Hoje vejo a escola como um projeto em construção e carente de melhoria (a pública e a particular) e não mais como estática

e pronta, onde eu deveria me habituar, pois a verdade é que a escola deve se adequar ao novo tempo e as novas necessidades.

As inseguranças foram sendo vencidas em cada oportunidade em que eu consegui estar contribuindo, dentro das minhas limitações, com o meu melhor em sala de aula, e os medos aos poucos cederam lugar à confiança, mesmo que ainda dentro do processo de autoconhecimento profissional. Mais intensas ainda foram às irresoluções que surgiram no momento em que acreditei que era um ser ativo dentro da escola e que comecei a pensar nas situações não como estagiário e sim como futuro professor. Evidente que a partir disso os meus questionamentos aumentaram, mas espero que com o tempo e testando novas ideias e métodos eu consiga tomar as decisões apropriadas para o bom andamento do meu trabalho e que ele seja certo e justo com meus possíveis futuros alunos. Por fim, talvez ainda, sonhar com uma benevolente disposição dos nossos governantes para melhorar a educação do país.

Ainda que eu tenha sido cotidianamente desmotivado pelo descaso político educacional e oscilado de opinião em razão da imprensa, amigos e familiares, que sempre proferem “Tem certeza que você quer ser professor”, “Hoje em dia aluno não respeita mais professor”, “Você vai passar fome”, tenho como resposta a pequena recompensa que se ganha quando um aluno oferta elogios ao nosso trabalho e transformam o coloquial dia em sala de aula em desafios à nossa criatividade, pois isso estimula a estarmos nos melhorando sempre. Ao mesmo tempo em que, também, motivam o ego e ratificam a identidade do professor dentro da gente, alardeando o prazer de incitar jovens críticos com o ensino da Geografia.

Por fim, entendo que as leituras e as discussões como aluno na universidade contribuíram muito para minha formação, mas as vivências que realizei, levo-as comigo e para mim, como experiências a partir das observações e reflexões das realidades que fui vivenciando e que me fizeram reorganizar e ganhar mais conhecimento, para o que somente o curso dentro da universidade não contribuiria.

Contudo, critiquei a escola, o professor e me critiquei por diversas vezes, me motivei e me desmotivei em inúmeras situações. Cheguei a querer desistir da licenciatura e me dedicar ao bacharelado, mas voltei às colocações iniciais quando pude questionar “o que é ser um professor” e refiz minhas respostas e tentei novamente. Trabalhei muito e ainda não sei ao certo o caminho, todavia, confesso, já entendi que ser professor extrapola uma profissão, pois é, a meu ver, o mais nobre dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores**: Unidade Teoria e Prática. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

INSTITUTO DE GEOGRAFIA. Universidade Federal de Uberlândia. **Projeto Pedagógico**: Curso de Graduação em Geografia Bacharelado e Licenciatura. Uberlândia: Instituto De Geografia da Universidade Federal De Uberlândia, 2005. 58 p. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/sites/ig.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/Ge_ProjetoPedagogico.pdf>. Acesso em: 28 out. 2015.

Recebido para avaliação em 03/11/2015 e aceito para publicação em 19/01/2016.